

## A busca pelo caminho do amar: o SER e o FAZER na docência

The search for the path of loving: BEING and DOING in teacher practice

La búsqueda por el camino del amar: SER y HACER en la enseñanza

**Maria Aparecida Nunes Azzolin** - Universidade Federal de Santa Maria | Grupo de Pesquisa Kitanda (Cnpq/UFSM) Universidade Federal de Santa Maria | Santa Maria | RS | Brasil. E-mail: cidaazzolin@gmail.com | 

**Valdo Hermes de Lima Barcelos** - Universidade Federal de Santa Maria | Centro de Educação | Santa Maria | RS | Brasil. E-mail: vbarcelos@terra.com.br | 

**Resumo:** Nosso objetivo com esse texto é convidar a uma reflexão sobre o adoecimento laboral, buscando alternativas a partir das proposições científicas e epistemológicas de Humberto Maturana e Ximena Dávila. Propomos que o nosso trabalho se afaste do seu sentido etimológico: tripalium, instrumento de tortura, que causa dor e sofrimento. Apresentamos a ideia do viver e conviver pelos Caminhos do Amar, ou seja: escutar, tocar e sentir com amor e generosidade em cada ser que passa por nós. Escutar o outro e se escutar é o primeiro passo para a realização de um trabalho colaborativo e cooperativo, percebendo a própria legitimidade e a legitimidade do outro, vivendo e convivendo sem tantas expectativas e valorizando o viver presente. Com isso estaremos construindo relações de trabalho baseadas no respeito mútuo para uma convivência no bem estar.

**Palavras-chave:** Humberto Maturana; adoecimento docente; trabalho docente.

**Abstract:** The main goal with this article is to invite to reflect on occupational illness, searching for alternatives from the scientific and epistemological propositions of Humberto Maturana and Ximena Dávila. We propose that our work steps away from its etymological meaning: tripalium, instrument of torture, which causes pain and suffering. We present the idea of living and coexisting through the Paths of Love: listening, touching and feeling with love and generosity towards every being that passes us by. Listening to the other and listening to oneself is the first step towards accomplishing a collaborative and cooperative work, perceiving one's own legitimacy and the legitimacy of others, living and coexisting without so many expectations and valuing living the present. Through that we will develop work relationships based on mutual respect towards a coexistence in well-being.

**Keywords:** Humberto Maturana; teacher practice sickening; teacher practice.

Resumen: Nuestro objetivo con este texto es invitar a una reflexión sobre la enfermedad en el trabajo, buscando alternativas a partir de las propuestas científicas y epistemológicas de Humberto Maturana y Ximena Dávila. Proponemos que nuestro trabajo se aleje de su sentido etimológico: tripalium, instrumento de tortura, que provoca dolor y sufrimiento. Presentamos la idea de vivir y convivir por los Caminos del Amor, es decir: escuchar, tocar y sentir con amor y generosidad en cada ser que pasa a nuestro lado. Escuchar al otro y escucharse es el primer paso para realizar un trabajo colaborativo y cooperativo, darse cuenta de la legitimidad y la legitimidad del otro, vivir y convivir sin tantas expectativas y valorar la vida presente. Con eso, estaremos construyendo relaciones laborales basadas en el respeto mutuo para la convivencia en el bienestar.

Palabras-clave: Humberto Maturana; enfermedad docente; trabajo docente.

- Recebido em: 25 de junho de 2020
- Aprovado em: 17 de novembro de 2021
- Revisado em: 03 de maio de 2021

## Introdução

[...] Toda transformación cultural se inicia y ocurre como una transformación individual (MATURANA; DÁVILA, 2016, p. 472).

A vida é uma aventura. Abrir os olhos a cada amanhecer, respirar, ativar as sinapses dos neurônios, perceber as batidas do coração, sentir os arrepios de sustos ou de prazer... Tudo isso faz parte da nossa existência cotidiana. E é feito sem que precisemos de reflexão, nem de acionarmos um mecanismo. Essas coisas simplesmente acontecem perfeitamente, sem alteração, ou melhor, quando há alteração significa que algo não vai bem. Se o coração bater em descompasso, se a respiração for sufocada, se as sinapses não acontecerem como deveriam, é sinal de que precisamos urgentemente procurar ajuda, senão esta aventura chamada vida, pode se esvaír num milésimo de segundo. Mas, e quando no nosso dia a dia, como professores (as) nos sentimos em descompasso, sufocados, com emoções negativas, sem motivação e infelizes? É um sinal de alerta... uma “sirene” em alto e bom som está tocando em nossas escolas. Um pedido de socorro de educadores(as), mas que corriqueiramente não percebemos, ou melhor, não o escutamos.

As informações que possuímos sobre o adoecimento docente nos causa preocupação. Algo deve estar errado para que tantas pessoas estejam adoecendo em um mesmo grupo profissional. A ansiedade e as insatisfações cada vez mais estão aumentando e levando ao adoecimento. Vejamos o que mostra uma pesquisa realizada pelo O CPERS/Sindicato (2012) com 3.166 pessoas, entre professores (as) e funcionários (as) de escola. A referida pesquisa contou com o apoio do Laboratório de Psicodinâmica do Trabalho da UFRGS (Universidade Federal do Rio Grande do Sul). Vamos a alguns achados da pesquisa: 49,87% da categoria que pode estar evidenciando algum tipo de transtorno psíquico; 72,5% diz se sentir nervoso, tenso ou preocupado; 51,1% dos entrevistados alegaram sentir sensações desagradáveis no estômago; 49,3% dormem mal; 49% têm dores de cabeça frequentes; 47,3% se cansam com facilidade; 30,1% demonstra desinteresse pelas coisas; e 4,5% tem tido ideias de acabar com a própria vida.

Analisando essas informações percebemos que o adoecimento não está nas instituições, em termos físicos: prédios, cadeiras, computadores, mas, sim, está intrinsecamente relacionado com as relações estabelecidas entre as pessoas que vivem e convivem naquele ambiente. O adoecimento é um processo interior. Se manifesta por ações e atitudes que a pessoa tem ou deixa

de ter, nos seus conflitos internos, suas neuroses, nos seus desejos não resolvidos, nos amores perdidos, nos conflitos internos. Nada é exterior ao indivíduo. Tudo parte do eu. Humberto Maturana, afirma que

Esta es a la vez nuestra maravillosa y terrible condición de existencia humana: lo que hacemos no depende solamente de que lo podríamos hacer sino que depende de que lo queremos hacer porque siempre hacemos lo que queremos hacer aunque digamos que no queremos hacer lo que estamos haciendo, pero lo hacemos porque queremos conservar algo: es por esto que cualquier teoría racional que proponamos como justificación de lo que hacemos, se funda siempre en nuestro querer (MATURANA; DÁVILA, 2016, p. 472).

Somos responsáveis por nossas escolhas, inclusive as profissionais. Talvez não seja tão fácil perceber que somos seres com possibilidade de escolhas e que essas escolhas podem nos fazer bem, e felizes, ou nos fazer mal e adoecidos. Nessa perspectiva, escolher viver no Caminho do Amar é escolher viver e conviver no presente, não ignorando o passado, mas deixando ele onde está, ou seja, como algo que já aconteceu e não volta mais. É também perceber que o futuro é apenas uma possibilidade. Assim que ele – o futuro – não existe de forma independente do que vivemos no fluir de nosso viver cotidiano. Só o que temos é o presente que muda a cada instante ao vivê-lo. “O presente é o próprio suceder do viver. O presente é o ocorrer no ocorrer, o que sucede no fluir do suceder” (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 64). Os autores dão o exemplo dos outros animais (MATURANA, 2005; MATURANA; PÖRKSEN, 2004; MATURANA; DÁVILA, 2009, 2016)<sup>1</sup> que vivem fora do linguajar<sup>2</sup>. Vivem o presente sem reflexões, saudades e expectativas, assim não há frustrações, e nem tristezas. As expectativas, quando não se cumprem, acabam levando a dor e causando o mal-estar. Os outros animais, apenas vivem.

Percebe-se que um grande número de professores (as) está altamente medicado, adoecido e vivendo no mal-estar. Os dados da pesquisa apresentado acima, são um convite à reflexão e para a construção de uma nova prática docente. Como um profissional irá realizar seu trabalho estando doente? Por isso, urge pensarmos sobre o nosso ser e nosso fazer como docentes, para que o ambiente escolar se torne um ambiente de bem-estar (MATURANA; DÁVILA, 2009,

---

<sup>1</sup> Conforme Maturana, Dávila e Pörksen, somos seres vivos do reino animal, mamíferos da espécie humana.

<sup>2</sup> O entrelaçamento do emocional, com a linguagem.

2016)<sup>3</sup>, indispensável para um processo de ensino e aprendizagem prazeroso tanto para professores (as), quanto para alunos.

Neste texto buscamos alternativas a partir dos estudos de Humberto Maturana e Ximena Dávila (MATURANA, 2005; MATURANA; PÖRKSEN, 2004; MATURANA; DÁVILA, 2009, 2016), que afirmam que somos seres pelo modo de viver e, esse modo de viver, se constitui na linguagem. O ser humano se constitui na dinâmica que entrelaça a corporeidade e o modo de viver. Mais ainda, a corporeidade do *homo sapiens* é o resultado de uma história evolutiva. Ele, Humberto Maturana, define o amor<sup>4</sup>, como a emoção que funda o social<sup>5</sup>. O amar é entregar liberdade e construir um mundo com o outro. E o mundo está aí para ser visto, percebido. No entanto, o ver, o perceber, depende de nós e não do mundo. Almejamos que nosso cotidiano escolar propicie um ambiente de bem-estar no fluir desse viver/conviver. Propomos que o nosso trabalho se afaste do seu sentido etimológico: *tripalium*, instrumento de tortura, que causa dor e sofrimento. Dessa forma, nosso trabalho será construído na busca pelo Caminho do Amar (MATURANA; DÁVILA, 2009)<sup>6</sup>, ou seja, no Caminho do bem-estar.

---

<sup>3</sup> Bem-estar para Maturana e Dávila ocorre quando estamos no centro de nós mesmos na tríplice harmonia íntima, relacional e ecológica, ou seja, eu estar bem comigo mesmo, com o outro e com o ambiente que vivo e convivo.

<sup>4</sup> Amor não é um fenômeno eventual, mas uma condição básica e cotidiana que define as relações entre os humanos. Amar é uma atitude em que se aceita o outro de forma incondicional e não se exige ou se espera nada como recompensa. Amar implica ocupar-se do bem-estar do outro e do meio ambiente. Em vez de oferecer instruções do que e como fazer, amar é respeitar o espaço do outro para que ele exista em plenitude. O amor é a emoção fundamental que tornou possível a história da humanidade. Ele determina as condutas humanas, que, por sua vez, tecem o convívio social, entendendo aqui emoção não como um sentimento, mas como formas de relacionamento. O amor nos dá a possibilidade de compartilhar a vida e o prazer de viver experiências com outras pessoas. Essa dinâmica relacional está na origem da vida humana e determinou o surgimento da linguagem, responsável pelos laços de comunicação e que inclui ações, emoções e sentimentos.

<sup>5</sup> Relação social é aqui tomada na perspectiva apresentada por Maturana. Para esse autor, relações sociais são relações que surgem no amar. Ou seja: no respeito mútuo, na aceitação mútua, no reconhecimento da legitimidade espontânea do outro. Nesta perspectiva, toda relação pautada na autoridade e na dominação de um sobre outro não é uma relação social. Um clássico exemplo disto são os sistemas hierárquicos organizacionais, como, por exemplo, as forças armadas.

<sup>6</sup> Humberto Maturana e Ximena Dávila no livro “Habitar Humano-em seis ensaios de Biologia-Cultural” de 2009, abordam sobre a Biologia do Tao ou o Caminho do Amar, sendo o viver sem expectativas, viver o momento presente. O *Caminho do Tao*, tem origem muito antiga na China, por volta do ano 500 a. C, sendo a base para a doutrina mística e filosófica Taoísta. Lao-Tsé compilou suas ideias no Livro *Tao Te Ching*, neste período. *Tao*, expressa a ideia, de origem de todas as coisas, onde os opostos se completam. Busca aprender o caminho para a autorrealização de cada ser humano.

## O ser e o bem-estar a partir do Caminho do Amar

[...] el amar es la medicina fundamental porque es el armonizador de todo vivir y convivir, si se quiere vivir ese convivir (MATURANA, DÁVILA, 2016, p. 535).

Segunda feira, 5:30 da manhã. Toca o despertador. O sol ainda não despertou. Mas em algum lugar existe uma professora despertando antes do sol para ir para a escola. Alguns(as) trabalhando no interior, viajando 40 Km até chegar ao seu destino. Estradas de chão, pontes que são interditadas em dias de chuva. Curvas e declives presentes na vida de inúmeros (as) professores(as) que além da desvalorização profissional, que só tem aumentado a cada dia, são desrespeitados(as) com salários parcelados, defasados, nada atrativos e condições precárias nas escolas. Infelizmente não é um caso pontual. É a realidade triste e cruel da grande maioria dos professores brasileiros da Educação Básica. Como evitar que as situações torturantes de nosso cotidiano não adoecem nosso ser?

Além da desvalorização salarial imposta aos professores(as) da Educação Básica, o sentimento da desvalorização profissional ainda é pior. Sentir que seu fazer não tem mais valor, “dói na alma”. Faz com que se sintam fracassados, depois de anos de estudos e leituras. Perceber que possuem mais anos de formação que a maioria das profissões, mas que seu “valor” é menor - isso pode ser facilmente comprovado pelos editais dos concursos para qualquer prefeitura em nosso país - os professores da Educação Básica são os que têm o menor salário, se compararmos com outras profissões que também exijam nível superior (PCI CONCURSOS, 2020). Professores(as) sentem-se perdidos, desvalorizados e mal pagos. Isso está afetando diretamente a saúde de educadores(as) pelo Brasil afora. Todas essas constatações servem para que o problema seja encarado de frente. Essa é a realidade e já a conhecemos muito bem. Mecanismos de defesa internos precisam ser fortalecidos, para que a realidade, que é exterior, não os leve ao adoecimento. Ser professor é uma escolha. É possível SER professor(a), onde o FAZER seja realizador e propicie o viver no bem-estar, trilhando o Caminho do Amar. Para não adoecer pelo trabalho, precisamos nos dar conta que somos gente. Paulo Freire (1921-1997) afirma que como educadores(as), não podemos nunca nos esquecer de que, em Educação, lidamos com gente e não com coisas. Nas suas palavras,

Lido com gente e não com coisas. E porque lido com gente, não posso, por mais que, inclusive, me dê prazer entregar-me à reflexão teórica e crítica em torno da própria prática docente e discente, recusar minha atenção dedicada e amorosa à problemática mais pessoal deste ou daquele aluno ou aluna (FREIRE, 1997, p. 32).

Importante o que nos ensina Paulo Freire sobre essa característica dos humanos em relação aos outros animais e mesmo, aos outros seres vivos. Para Freire, essa capacidade de perceber nossas transformações é que nos faz ter ciência de nosso inacabamento de ser vivo e de animal. Este inacabamento do humano é um inacabamento especial, pois, reside no fato de que homens e mulheres sabem que são inacabados, enquanto um beija-flor ou um leão não tem essa compreensão – talvez porque dela não precise. Assim Freire escrevia: “Eu sou inacabado, a árvore também o é, porém, eu sou mais inacabado porque sei que o sou” (FREIRE, 2003, p. 30).

Somos gente e, como gente, erramos, acertamos, temos problemas, sofremos, nos alegamos, adoecemos e nos curamos. No entanto, para isso faz-se necessário nos entendermos e nos conhecermos. Precisamos conhecer nossas limitações. As enfermidades acontecem por um desequilíbrio no organismo, ou seja, por fatores internos, sendo um processo que acontece inconscientemente. Humberto Maturana alerta que

El organismo como sistema existe en una armonía o coherencia interna que se perde cuando sus relaciones e interacciones dejan de ser congruentes con esta armonía. La negación del amor rompe esta congruencia y da origen a alteraciones fisiológicas que hacen posible procesos como alteraciones en la dinámica motora, endocrina, inmunitaria, neural, o tisular em geral. Así, gérmenes que coexisten normalmente con nosotros se hacen patógenos porque nuestra relación con ellos se altera, o se alteran procesos de regulación de la dinámica celular que resultan en disfunciones orgánicas [...]. Cuando el animal, humano o no humano, vive en congruencia con su circunstancia, salvo que tenga una alteración anatómica o fisiológica congénita que lo saque de lo normal, vive en armonía con su circunstancia, lo que implica una armonía fisiológica (MATURANA, 2005, p. 51-52).

O viver é algo que simplesmente acontece. Nossa biologia mostra isso. Porém, não somos apenas seres biológicos, e, sim, biológico-culturais<sup>7</sup>. Ou seja, somos o resultado do entrelaçamento de nossa biologia com a cultura que vivemos e convivemos no fluir de nosso

---

<sup>7</sup> Biologia-cultural é um espaço do explicar sobre o humano, sobre os demais seres vivos e sobre os próprios fundamentos do conhecer e do viver humano que surge apoiada nas proposições da Biologia do conhecer e da Biologia do amar. Com ela seus criadores, Humberto Maturana e Ximena Dávila, estabelecem um modo de conhecer o viver humano que não se limita às possibilidades teóricas. Pois, através dela o que se abre para nós é o saber sobre as dinâmicas do viver operacional-relacional humano. O desenrolar do viver dos seres vivos em torno da autoprodução molecular em modulação recíproca com o seu fazer no viver, constitui-se como um saber primário para nos reconhecermos como seres humanos viventes em um espaço ao mesmo tempo biológico e cultural, por isso biológico-cultural.

viver. A dor e o sofrimento são fruto da cultura e não da biologia. O nosso organismo é um sistema perfeito, feito para funcionar em harmonia e equilíbrio. Quando saímos fora desse padrão acontece o desequilíbrio, gerando o mal-estar e, conseqüentemente, o adoecimento. Assim como adoecemos, podemos nos curar e viver no Caminho do Amar, sendo, este, o viver sem expectativas e sem exigências. Viver o momento presente, em equilíbrio e harmonia conosco e com os outros seres da natureza, “constitui um convite a um viver no bem-estar psíquico e corporal, um viver sem esforço na unidade de toda a existência no fazer que surge do ver o presente quando não há preconceito ou expectativa” (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 59). É perceber a vida como um constante fluir, leve e sem esforço, apenas acontece. Maturana e Dávila (2015, p. 473) afirmam que,

[...] todos los dolores y sufrimientos relacionales son de origen cultural, por lo tanto, se pueden cambiar y se puede salir de ellos soltando los apegos a aquellos aspectos de nuestro vivir y convivir que los conservan o los producen. Esto ahora lo sabemos, pero aun así nos atrapamos en el dolor y el sufrimiento de una convivencia generadora de pobreza y riquezas, de bien-estar circunstancial y daño al ámbito de existencia que nosotros mismos generamos y hace posible nuestro vivir.

O fato de vivermos o presente evitando as exigências e as expectativas não quer dizer que nós devamos viver sem reflexões, pois essas fazem parte da nossa condição de ser linguajeantes, mas para alcançarmos o Caminho do Tao, ou o Caminho do Amar, precisamos aprender a viver no presente. Viver percebendo que a vida é um constante fluir: é espontâneo. Se a nossa natureza é de amor, qualquer ato que foge disso é antinatural. Não faz parte de nossa biologia e causa o desequilíbrio e, conseqüentemente, o mal-estar que gera o adoecimento. Maturana e Dávila (2009, p. 178) alertam para o fato de que:

Nós seres vivos nos aprisionamos no *mal-estar* como resultados de nossos hábitos relacionais no viver e conviver. E esses hábitos têm diferentes formas, como costumes, adicções, preferências nos seres vivos em geral, ou como argumentos racionais e sistemas de crenças no âmbito humano. Em todos os casos, a saída é a mesma: a ampliação do olhar, a ampliação do ver que a Biologia do Amar traz, ampliação do olhar que, ao soltar preconceitos, expectativas, convicções, saberes, permite ver a matriz relacional que surge no viver que se vive e mudar a orientação do viver na linha dos fundamentos últimos de onde se reencontra o *bem-estar* nos fundamentos do próprio viver.

Somos responsáveis pelo nosso ser no existir. E é esse ser no existir que nos liga a outros seres, a outros existires e a outros mundos. Acreditamos na importância do professor e da professora se enxergar, se perceber para ter uma existência mais leve, feliz e plena. Viver a partir do Caminho do Amar, é viver no Caminho do autorrespeito, e do respeito pelos outros. No

entanto, é importante ter sempre presente que o respeito ao outro só acontece se acontecer o respeito a si próprio. Para Maturana (1994) só acontecerá o respeito pelo outro numa relação se for precedido do respeito por si próprio das pessoas envolvidas. Ou isto ocorre, ou não teremos uma relação orientada para a sinceridade e a honestidade. Se isso não ocorre não temos uma relação social. Uma relação deste tipo só poderá ocorrer quando sentirmos que não precisamos justificar nossas atitudes. Ou seja: que não tenhamos vergonha de assumi-las como nossas e legítimas, sem culpas ou cobranças a nós mesmos e aos outros.

O conceito de bem-estar que utilizamos se apoia na proposição de Humberto Maturana e Ximena Dávila, que propõe que é “cuando nos referimos al encontrarnos en armonia sensorial, psíquica y operacional con las circunstancias en las que realizamos nuestro vivir, y esto es, cuando nos encontramos en el amar” (2016, p. 513). Nesse sentido a harmonia é o viver sem esforço, que flui num constante presente que muda no viver e conviver. Para os autores,

A angustia y el sufrimiento humanos pertenecen al espacio de las relaciones. Todo lo espiritual, lo místico, los valores, la fama, la filosofía, la historia, pertenecen al ámbito de las relaciones en lo humano que es nuestro vivir en conversaciones. En el conversar construimos nuestra realidad con el otro. No es una cosa abstracta. El conversar es un modo particular de vivir juntos en coordinaciones del hacer y el emocionar. Por eso el conversar es constructor de realidades. Al operar en el lenguaje cambia nuestra fisiología. Por eso nos podemos herir o acariciar con las palabras. En este espacio relacional uno puede vivir en la exigencia o en la armonía con los otros. O se vive en el bienestar estético de una convivencia armónica, o en el sufrimiento de la exigencia negadora continua (MATURANA, 2005, p. 23).

Existimos na linguagem e no emocionar. No entanto, se em vez de utilizarmos os espaços de convivência (Ex. horário do intervalo na escola), que possuímos para descansar, se os aproveitamos para reclamar da vida, e das situações a ela inerentes, adoeceremos. Precisamos mudar a emoção, aproveitar para rir, falar coisas boas e alegres. Temos escolha. A responsabilidade não é do outro, é nossa. Uma das causas do sofrimento, é devido ao excesso de expectativas em relação a projetos, trabalhos e nas outras pessoas. Diminuímos as expectativas, diminuímos o sofrimento. Julgamos importante o que propõe Maturana (2005, p. 24) sobre nosso processo de angústia, ao ser perguntado se sentia essa emoção, assim se manifesta: “A angustia está relacionada com as expectativas e a suprimimos eliminando as exigências”. Maturana propõe:

Um mundo sem angústias, porque sem expectativas, sem exigências, sem pretender ser o que não se é, está na harmonia de viver no presente e não com a atenção presa no resultado de fazer ainda que se trate de um fazer com o propósito de obter um resultado (MATURANA, 2005, p. 24).

O autor cita como exemplo a situação em que ele e sua equipe de pesquisa enviaram um importante projeto para um órgão de financiamento e, após alguns meses, receberam a resposta de que o mesmo não tinha sido aprovado. Não teriam o financiamento necessário para executar o importante – para eles – projeto. Simplesmente aceita a recusa e vai em busca de outro projeto ou de outro órgão financiador, pois, para o autor “a felicidade não significa estar em uma permanente euforia” (MATURANA, 2005, p. 24)

A música Epitáfio (BRITO, 2001), interpretada pelos Titãs e com a letra de Sérgio Britto, diz que “cada um sabe a alegria e a dor que traz no coração”. Só nós sabemos o que se passa conosco, por isso a importância da reflexão e do olhar para o que fazemos e como fazemos. Ninguém pode realizar um trabalho de encantamento se estiver desencantado por si mesmo. Só me encontrando, ou me reencontrando, consigo ir ao encontro do outro. Somos biologicamente constituídos para viver no bem-estar. Senão o estamos é porque algo em nosso fazer está interferindo em nosso ser. Para mudarmos essa situação precisamos refletir e nos dar conta do que não está bem. Construimos o mundo que vivemos, ele se configura nas relações, no presente, ele não está feito de antemão. O mundo está se construindo no nosso fazer, nas nossas ações do momento, nas nossas relações, por isso sou responsável pela forma que vivo. Ximena Dávila complementa,

O ser vivo como tal, humano ou não humano, está sempre bem; o *mal-estar*; a dor de viver não pertence à sua fisiologia, pertence ao seu viver no espaço relacional em que existe como organismo e só aparece na reflexão que surge no viver humano na linguagem. Só o ser vivo que vive em alguma medida na linguagem como nós, os seres humanos, pode distinguir se vive no *bem-estar* ou no *mal-estar* relacional, e é só este ser vivo que pode pedir ajuda se está no *mal-estar* e que pode sair dele através dela (DÁVILA, 2009 *apud* MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 178, grifo dos autores).

Maturana (MATURANA, 2005; MATURANA; PÖRKSEN, 2004; MATURANA; DÁVILA, 2009, 2016) usa com frequência a expressão “no fluir do viver”. Fluir, remete a leveza. Viver deve ser leve, sem luta, sem esforço...somente viver. Esse autor dá o exemplo do riacho, que não confronta as pedras, apenas as contorna, num fluir constante. Se encaramos a vida assim, viveremos na harmonia, sem disputas, sem competições e enfrentamentos. Apenas na leveza e

nosso fazer como professoras(as) também será mais leve, através da transformação de nosso ser. Com isso influenciaremos, por meio do nosso fazer no viver/conviver, o ser de nossos alunos. Só poderemos buscar melhores condições de trabalho, por uma educação melhor e por um país mais equânime, se estivermos vivendo e convivendo no bem-estar. Se analisarmos a história mundial perceberemos que as guerras e disputas de poder só levaram a destruição e sofrimentos. Propomos uma nova forma de ver, sentir e buscar transformações. Essa nova forma de buscar melhores condições começa por nós mesmos, nas palavras de Maturana e Dávila: “Los grandes câmbios no se producen sino hasta que empiezan a cambiar los individuos, en sus localidades y contextos personales, para luego tocar a sus personas cercanas” (2021, p. 34). São pequenos passos que podemos dar todos os dias, mas que reverberam e transformam o mundo que geramos no viver e conviver.

### **O fazer: o que nos move como educadores (as)?**

Generamos el mundo que vivimos. Si hay algo que deseamos que sea, hagámoslo (MATURANA; PÖRKSEN, 2004, p. 239).

Toca o sinal para os alunos entrarem, ouve-se aquele burburinho pulsante de vida, corredores lotados, meninas e meninos conversando sobre os últimos acontecimentos. O melhor de ir para a escola é poder reencontrar os amigos. Os professores, na sala, ficam aproveitando os últimos momentos antes de irem para as salas de aulas, um, ou alguns sofrem em pensar que terão que “enfrentar” uma turma, e saem exatamente com essa perspectiva, como se estivessem indo para um confronto, ou conflito, onde o enfrentamento é a única alternativa. Estes(as) professores(as) ao chegarem ao final do dia sentem-se desgastados, com dor de cabeça, hipertensão, dores nos ombros como se tivessem levado o mundo nas costas, como o Titã Atlas, da mitologia grega. Por que tanta tensão? Por que tantos conflitos e enfrentamentos? Por que os números de laudos para tratamento de saúde são tão expressivos? Por que adoecemos? Questões que estão presentes no nosso dia a dia e nas falas recorrentes na hora do recreio que, muitas vezes, se torna um muro de lamentações aumentando o estresse e a tensão.

A escola é um universo pulsante de vida. Nos corredores, nas salas de aula, nos banheiros, nos refeitórios, nas bibliotecas, nas salas administrativas existem pessoas cheias de sonhos, vivências e traumas. Essas pessoas interagem, dialogam, trocam experiências diariamente de forma positiva, mas em certos casos e ocasiões negativamente também, mas quanto mais

interação, diálogo, amizade e afeto existir entre as pessoas que coexistem no ambiente escolar, mais fácil será superar as dificuldades do dia a dia. Forma-se um suporte social, um amparo frente às dificuldades cotidianas. A escola precisa ser um ambiente acolhedor, tanto para professores, quanto para alunos. Professores medicados e crianças e adolescentes fazendo uso de remédios para a ansiedade ou para ter atenção – ou por tantos outros motivos - é um sinal de alerta de que algo não está indo bem. O adoecimento de crianças e adultos demonstra o desequilíbrio social que estamos vivendo.

Benevides Pereira (2002), esclarece que um dos primeiros passos para vencer as situações estressantes é conhecer o problema. Por isso, os momentos de reuniões e de encontros são imprescindíveis para compartilhar sentimentos e incertezas, sendo um ótimo momento de percepção de que a maioria das angústias laborais não são individuais, mas coletivas. O gestor possui um grande papel neste processo, pois pode ser estimulador, incentivador e propiciar mudanças para a transformação do ambiente escolar, bem como pode ser totalmente ao contrário, ser um chefe que manda, que inibe a criatividade, que mata o entusiasmo, poda desejos e anseios. Este tipo de atitude gera nos professores(as) desestímulo e tensão, podendo levar ao adoecimento. Já para Humberto Maturana, o papel de qualquer gestor, em qualquer organização é “Coordenar os desejos das pessoas que trabalham com ele(a) para que façam o que sabem fazer, de forma adequada e oportuna, por meio de conversas reflexivas e inspiradoras” (MATURANA, 2019/2020, p. 175). Ainda, Humberto Maturana e Ximena Dávila (2016) escrevem sobre a importância de escutar e perceber o outro como legítimo outro na convivência, em suas palavras:

Cuando expandimos nuestra capacidad de escuchar a otros y a nosotros mismos, expandimos nuestra capacidad de vivir nuevos mundos o nuevos dominios sensoriales-operacionales-relacionales. Más aún, en la medida que nuestro escuchar se expande, no podemos fingir que no hemos escuchado cuando hemos escuchado, perdemos la inocencia y podemos comenzar a hacernos preguntas que habíamos desdeniado o que considerábamos preguntas reflexivas prohibidas, como: ¿Em qué mundo quiero habitar, solo o con otros? Ya que es, solamente desde un substrato reflexivo de respetarse y amarse, que podemos respetar y amar nuestros sentires, emociones y haceres, y desde allí elegir – conscientemente -, un vivir que nos lleve al infierno de la continua autodepreciación o al paraíso de la armonía del respeto por sí mismo (p. 56).

O adoecimento laboral acontece por mecanismos internos. Permitimos, inconscientemente, que nosso fazer adoeca nosso ser. Não conseguimos elaborar situações e problemas decorrentes do ambiente. É como encarmos a situação que nos faz adoecer ou não, isso quer dizer que é um fator interno. Humberto Maturana e Ximena Dávila, afirmam que

Y queremos destacar que todas las enfermedades que vivimos, surjan ellas por situaciones de accidentes traumáticos, con o sin participación de otros organismos que llamamos patógenos, involucran desarmonizaciones íntimas, relacionales y psíquicas, enfermedades que solo desaparecen si las armonías perdidas surgen nuevamente en el fluir del vivir relacional del organismo que las ha sufrido. En estas circunstancias, en todo acto médico y terapéutico lo que se intenta hacer es modular la dinámica interna y relacional del organismo con distintos procedimientos que le lleven a recuperar su triple armonía íntima, relacional y psíquica (2016, p. 534).

Qualquer processo de mudança não é uma tarefa fácil. Só temos acesso ao nosso SER através de nosso FAZER. Como começar a fazer isso? Mudando nossa rotina, nossas ações que nos fazem mal. Mudamos nosso FAZER, para a partir de aí mudar o nosso SER. São nossas ações diárias que nos fazem viver no bem-estar ou no mal-estar. Para chegar a esse processo de mudança, precisamos nos dar conta do que fazemos, do modo como fazemos o que fazemos, a partir da reflexão sobre os nossos atos. Construimos o mundo que vivemos, ele se configura nas relações, no presente, ele não está feito de antemão, o mundo está se construindo no nosso fazer, nas nossas ações do momento, nas nossas relações, por isso somos responsáveis pela forma que vivemos.

### **Um fazer feliz para viver feliz**

Hay una sola condición que nos permite darnos cuenta de nuestra ceguera: tenemos que ver y conocer, es decir que al comprender nuestra propia ceguera, dejamos de estar ciegos (MATURANA; VERDEN-ZÖLLER, 2004, p. 77).

Ouvimos diariamente que a educação em nosso país está passando por sérios problemas. Além dos índices que comprovam que não estamos bem, temos escolas sucateadas, turmas superlotadas, e escolas funcionando com pouquíssimos alunos. Professores desvalorizados e desrespeitados. Professores trabalhando fora da sua área de nomeação e formação. Como, com estas condições, manter a qualidade do ensino e aprendizagem e ser feliz? Barcelos (2013, p. 9) diz que

O déficit na qualidade da educação brasileira, em relação a outras áreas da produção de conhecimento no país, parece ter assumido a triste condição de um “fato consumado”. Passou a ser aceito como uma “coisa natural” em todos os espaços da vida cultural e social da nossa nação. Isto pode ser notado, inclusive, em alguns setores acadêmicos.

Vivemos em uma sociedade patriarcal-matriarcal, que está alicerçada na dominação e subjugação do outro. As crianças desde cedo estão sendo incentivadas a competir, a serem

melhores que os outros para poderem dominar e conquistar vitórias. Nas escolas quadros e painéis comprovam isso: melhor aluno; aluno destaque; e assim por diante. Ainda escutamos gestores(as) e até colegas professores(as) referindo-se a competição como algo sadio, a sociedade é competitiva, etc., etc., etc. Ora, não existe competição boa. Competição sadia é uma impossibilidade. O motivo é muito simples: a competição é negação do outro, é a busca de derrotá-lo. Como é possível pensar algo de bom vindo de um fundamento como esse? A negação do outro? As evidências científicas já reconheceram que nossa espécie - a humana - só chegou aonde chegou pela sua capacidade de cooperar, de conviver cooperativamente e não de competir. Ao contrário de algumas teorias já superadas, há tempos, nossa espécie está apetrechada, biológica e culturalmente, para cooperar e não para competir. Ao observarmos nossa conduta, e mesmo nosso conversar cotidiano, percebemos que o linguajar utilizado é marcado por expressões de luta, de força, de guerra, de competição, enfim, parece que precisamos conotar uma forma de viver onde estamos sempre preparados para atacar ou defender. Nas palavras de Maturana e Verden-Zöller:

Em nossa cultura patriarcal falamos de lutar contra a pobreza e o abuso, quando queremos corrigir o que chamamos de injustiças sociais; ou de combater a contaminação, quando falamos de limpar o meio ambiente; ou de enfrentar a agressão da natureza, quando nos encontramos diante de um fenômeno natural que constitui para nós um desastre; enfim, vivemos como se todos os nossos atos requeressem o uso da força, e como se cada ocasião para agir fosse um desafio (2004, p. 37).

Esta orientação de cultura patriarcal, a que se refere Humberto Maturana, pode se estender a todas as nossas relações. Em especial pelo fato de que estabelecemos relações pautadas em exigências e em expectativas. São exigências que nos levam a negação do outro e mesmo de autonegação. A aceitação de viver sob as exigências de outro nos leva, inevitavelmente, ao estresse, a doenças decorrentes da negação de nosso ser. Um exemplo de relação onde isto ocorre com muita frequência são os locais de trabalho onde as pessoas são exigidas em muitas funções e são levadas a fazer, executar, desempenhar, várias tarefas e, muitas delas, de natureza contraditória.

Para mudarmos essa situação, faz-se necessário mudar a cultura que estamos vivendo. Mas como se muda uma cultura?

Mudamos uma cultura vivendo e realizando nossos fazeres de forma diferente. Só assim as crianças que convivem conosco aprenderão a ser e a fazer diferente. Nosso papel como

educadores(as) não é uma tarefa fácil. Mas podemos fazer diferente em nossas escolas e universidades, pensando a formação de professores, pelo Caminho do amar. O amar, para Humberto Maturana, é o viver no mútuo respeito, honestidade, equidade, onde pessoas diferentes convivem na colaboração, construindo um projeto comum. Essa adesão voluntária e generosa se faz condição necessária, portanto, sem a qual dificilmente chegar-se-á a um bom termo com esse processo. Partimos do princípio defendido por Maturana de que “toda organização consiste em uma rede ou sistema de conversas interligada, que coordenam as tarefas, operações e reflexões que tornam um projeto comum” (2019/2020, p. 175). Projeto comum, esse, construído a partir de uma conversação que respeite o outro como legítimo outro, o que facilitará e ampliará sua predisposição para participar do processo. Essa participação espontânea fortalece as responsabilidades individuais tanto sobre os “sucessos” quanto aos “fracassos” que possam vir a ocorrer. Isso vem ao encontro da qualidade de um gestor de pessoas na proposição da Gestão Colaborativa na qual, ao “bom gestor” não cabe à tarefa de julgar e/ou buscar os “culpados” pelos erros. Maturana (2019/2020) alerta que “é preciso que o erro não seja punido e as pessoas, em suas vidas cotidianas, ampliem continuamente a sua autonomia reflexiva e de ação” (p. 177). Nessa perspectiva, a principal função do gestor é estabelecer redes de conversações e de reflexões sobre o que está acontecendo no fluir do viver das pessoas em seus espaços organizacionais de atuação.

De outra forma, a Gestão Colaborativa de Pessoas, a partir de um projeto comum, não significa, nem exige que se tenha um processo de concordância absoluta sobre a completude do projeto. Não requer que haja uma unanimidade e/ou uma necessidade de concordância integral com as propostas apresentadas. Ao contrário disso, a Gestão Colaborativa de Pessoas é a busca permanente de um viver, conviver, no qual se vive e convive no mútuo respeito, na honestidade, na equidade e na ética social, na colaboração em torno de um projeto comum de pessoas diferentes, mas, que convivem porque querem, porque desejam sinceramente esse conviver na forma de construção de uma obra de arte cotidiana.

### **Antes da pausa, algumas considerações**

Ao conversar com professores(as) e também ao fazermos uma autoanálise, percebemos o quão carente somos. Carecemos de valorização; carecemos de sermos vistos e escutados. Ao ser

perguntado sobre como fazer das instituições espaços geradores de amor, Maturana e Dávila responde: “Deixando o outro(a) aparecer” (2019, p. 157). Um outro(a) que pode ser eu mesmo(a). Enfim, há que construir espaços de convivência onde não sejamos cobrados todos os dias por chefes de longe e chefes de perto, mas necessitamos de acolhimento, de carinho, de afeto e de valorização. Para que haja o amor, não pode haver opressão. Paulo Freire apresenta o amor numa perspectiva sociológica, de luta para não ser oprimido, pois jamais pode ser verificado na relação de dominação, sendo assim seria uma “patologia de amor: sadismo em quem domina; masoquismo nos dominados” (FREIRE, 2001, p. 80). Dessa forma, para Freire a amorosidade está na busca da libertação do oprimido. Se há manipulação, não há amor.

Freire não dissocia amor do diálogo, os dois se completam. “Se não amo o mundo, se não amo a vida, se não amo os homens, não me é possível o diálogo” (2001, p. 80). Só há diálogo, se há escuta, pura e sincera. Em nossas escolas, com nossos alunos, independentemente da faixa etária, precisamos escutá-los. Vale ressaltar que escutar é diferente de ouvir. Humberto Maturana e Ximena Dávila explicam que o escutar também é algo que se aprende desde criança, na convivência com os adultos. Escutar é diferente de ouvir. Ouvimos sons o tempo inteiro, mas escutar é quando refletimos, deixando o outro ser, sem expectativas e julgamentos. Assim, deixamos aquilo que ouvimos entrar em nosso corpo, nas palavras dos autores:

[...] escutamos com toda a nossa corporalidade. [...] Nesta cultura patriarcal-matriarcal, na medida em que existe uma realidade em si, uma verdade, o escutar se torna surdo, o ver se torna cego, o sentir se torna frio e distante ao estar com o outro ou a outra. Escutamos para ver se o outro ou a outra coincide ou não com que pensamos. [...] Podemos escutar sem deixar de escutar, abertos à maravilhosa presença sempre cambiante de si próprio, do outro, da outra, de tudo o mais (MATURANA; DÁVILA, 2009, p. 236).

Escutar e conversar é uma arte, a arte de dançar juntos ((MATURANA; DÁVILA, 2016). Ouvimos vários sons o dia todo. Mas escutar com generosidade, só o fazemos se o desejarmos. Nossos alunos clamam por serem escutados. Reafirmando: querem que os deixemos aparecer, ser reconhecidos(as). Muitos atos tidos como rebeldia, são demonstrações reais para serem vistos e escutados. São pedidos de socorro e de ajuda.

Andar pelos Caminhos do Amar fala disso: escutar, tocar e sentir com amor e generosidade em cada ser que passa por nós. Escutar o outro e se escutar é o primeiro passo para a felicidade.

Ao trilhar o Caminho do Amar, no nosso fazer, precisamos “acordar” o que já está em nós, através da cooperação e da percepção da nossa legitimidade e da legitimidade do outro, vivendo e convivendo sem tantas expectativas, vivendo sempre no presente. Dessa forma viveremos no bem-estar, ou seja, viveremos no Caminho do Tao, ou Caminho do Amar.

## Referências

BARCELOS, V. **Uma educação nos trópicos**. Contribuições da antropofagia cultural nos trópicos. Petrópolis: Vozes, 2013.

BRITO, Sergio. **Epitáfio**. São Paulo: Abril Music, 2001. Disponível em: <https://www.letras.mus.br/titas/48968/>. Acesso em: 27 abr. 2020.

CPERS. Pesquisa revela que metade dos trabalhadores em educação enfrenta problemas psíquicos. **Jornal Semanal**, Porto Alegre, v. 25, n. 1228, p. 11-14, out. 2012. Disponível em: [https://issuu.com/jsemanal/docs/ves\\_o\\_imprensa\\_ed\\_1228\\_-\\_19\\_de\\_outubro](https://issuu.com/jsemanal/docs/ves_o_imprensa_ed_1228_-_19_de_outubro). Acesso em: 27 abr. 2020.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática docente**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

FREIRE, P. **El grito manso**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno, 2003.

FREIRE, P. **Política e educação**. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2001.

MATURANA, H. **La democracia es una obra de arte**. Colômbia: Cooperativa Editorial Magisterio, 1994.

MATURANA, H. Cultura da gestão de pessoas na perspectiva da biologia cultural. [Entrevista cedida a] Káritas RIBAS. **Revista Observatório Itaú Cultural**, São Paulo, n. 26, p. 174-181, dez. 2019/jun. 2020.

MATURANA, H. **El sentido de lo humano**. Chile: Comunicaciones Noroeste, 2005.

MATURANA, H.; DÁVILA, X. **El árbol del vivir**. Chile: MVP Editores, 2016.

MATURANA, H.; DÁVILA, X. **Habitar humano: em seis ensaios de Biologia-Cultural**. São Paulo: Palas Athena, 2009

MATURANA, H.; DÁVILA, Ximena. **Historia de nuestro vivir cotidiano**. Chile: Paidós, 2019.

MATURANA, H.; DÁVILA, Ximena. **La revolución reflexiva: una invitación a crear un futuro de colaboración**. Chile: Paidós, 2021.

MATURANA, H.; PÖRKSEN, B. **Del ser al hacer**. Chile: Comunicaciones Noroeste, 2004.

MATURANA, H.; VERDEN-ZÖLLER. **Amar e brincar**. Fundamentos esquecidos do humano. São Paulo: Palas Athena, 2004.

PEREIRA, Ana Maria T. Benevides (org.). **Burnout**: quando o trabalho ameaça o bem-estar do trabalhador. São Paulo: Casa do psicólogo, 2002.

PCI Concursos. São Paulo: PCI Concursos. Disponível em: <https://www.pciconcursos.com.br/>. Acesso em: 27 abr. 2020.